

■ POLÍTICA



# Dissidências mantêm Sarney na briga pelo Senado

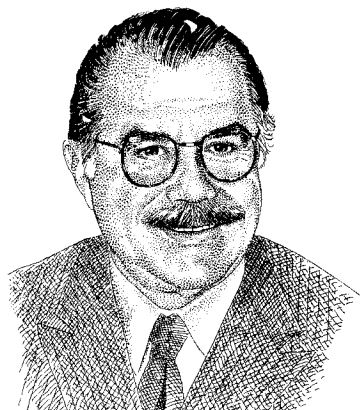
Estratégia do ex-presidente é buscar apoio entre partidos da base de FHC e da oposição, o que dificultaria candidatura de Jader Barbalho

Anamaria Rossi e João Domingos  
de Brasília

“Sarney não é homem de rompan-tes.” A sentença é do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e foi dita ontem depois de almoço em sua casa com o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP). Ela é a senha para destrinchar um movimento de bastidores que pode culminar na real candidatura do maranhense à sucessão no Senado. Sem que seja necessário um confronto direto com o presidente do PMDB, Jader Barbalho (PA), cuja candidatura ainda não foi anunciada oficialmente pelo partido.

Ao contrário do que faz supor o seu silêncio ou os comentários reticentes de seus correligionários, Sarney não está fora da disputa. Sem consenso no PMDB para disputar a presidência do Senado como o candidato do partido, o ex-presidente trabalha para tornar-se o candidato de consenso entre os demais partidos no Senado. Situação que inevitavelmente criaria um constrangimento para o PMDB bancar a candidatura de Jader.

É na oposição e nas dissidências isoladas de partidos da base de sustentação do governo Fernando Henrique que Sarney e Magalhães trabalham para viabilizar o consenso partidário. As contas, no momento, são animadoras para eles. Além dos 22



José Sarney

votos do PFL, que ACM garante serem todos do maranhense, calculam os entusiastas de sua candidatura que Sarney poderia contar com no mínimo 10 dos 16 votos da oposição (PT, PDT, PPS e PSB), cinco ou seis votos de tucanos que têm aversão a Jader Barbalho, 10 peemedebistas — entre eles, os três da bancada goiana —, o senador pelo Pará, Luiz Otávio, sem partido, e ainda o petebista mineiro Arlindo Porto, ligado a Antonio Carlos Magalhães. Se os cálculos estiverem corretos, José Sarney teria, hoje, 49 senadores dispostos a votar nele, oito além dos 41 necessários.

Mas a candidatura de Sarney enfrenta outro problema. O ex-presidente não quer — e garante que não

vai — enfrentar uma disputa com Jader, seja ela no coração do PMDB ou nas veias abertas do plenário do Senado. Com uma filha no governo do Maranhão e um filho no ministério de Fernando Henrique Cardoso, a última coisa que interessa a Sarney, neste momento, é entrar numa briga que ameace retalhar a base governista e se indispor com o Palácio do Planalto.

Em conversa com os senadores José Eduardo Dutra (PT-SE), Lúcio Alcântara (PSDB-CE) e Carlos Wilson (PPS-PE), na segunda-feira, em seu gabinete, Magalhães reafirmou a intenção de José Sarney de ser presidente do Senado. Queria saber quem está com ele. Não obteve o que seria a salvação da lavoura: uma promessa de declaração pública de apoio antes mesmo do anúncio da candidatura por Sarney. O que funcionaria como um lançamento do candidato, já com o devido respaldo, sem que ele tivesse que dizer uma palavra.

Mas alguns dos senadores com os quais ACM e Sarney têm conversado já se comprometeram a declarar o voto favorável ao ex-presidente tão logo ele entre oficialmente na disputa. Um jogo complicado, em que ninguém se arrisca a dar o primeiro passo e que, sem isso, pode acabar não concretizado.

Enquanto isso, a oposição discute

a possibilidade, remota, de lançar candidatura própria caso Jader Barbalho chegue ao dia da eleição — 14 de fevereiro — sem concorrente. O nome mais falado é o do senador

Jefferson Péres (PDT-AM). Seria um gesto puramente político e de curta duração, avaliam alguns parlamentares que acompanham o processo. Teria a vantagem de marcar

posição contra Jader e a desvantagem de dificultar qualquer negociação em torno da composição da Mesa. A decisão só deve ser tomada na manhã do dia 14.